

SOBRE RESTOS E PERSONAGENS: VISITAS DOMICILIARES PARA COMPRA DE OBJETOS USADOS

JOANA SCHNEIDER¹; HELENE GOMES SACCO²

¹Universidade Federal de Pelotas – joana.sch@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – sacco.h@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho faz parte da pesquisa teórico-poética intitulada *Entre matéria e memória: a criação de narrativas como valor das coisas*, que desenvolvo junto ao Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, na Universidade Federal de Pelotas (UFPel), na linha de pesquisa Processos de Criação e Poéticas do Cotidiano. O presente trabalho foi realizado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES). Esta pesquisa investiga o valor dos objetos a partir das memórias expressas pelas narrativas e tem como base o processo de criação do projeto artístico *Não vale nem R\$1,99*. O escopo desse projeto é questionar o valor das coisas a partir do uso de objetos cotidianos de segunda mão na criação de personagens e narrativas visuais, assim sendo, sua execução acontece a partir de três fases principais: a compra dos objetos usados por valores inferiores a R\$1,99; a criação de personagens e narrativas com os objetos adquiridos; e, finalmente, a exposição e revenda destes objetos num simulacro de “loja de usados”.

Em *Segunda mão e segunda vida: objetos, lembranças e fotografias* (2010), o antropólogo Octave Debary fala sobre o processo de revalorização das coisas e o potencial que alguns objetos têm de entrar em um estado de *segunda vida*, ou seja, objetos destituídos do seu valor de uso primário que, ressignificados, são trazidos para uma nova existência. Ele utiliza o termo *segunda mão* para designar objetos que passam, de mão em mão, por diversos donos. Em seus estudos, Debary dedica especial atenção aos restos, aos resíduos materiais da sociedade de consumo. Em *Antropologia dos restos: da lixeira ao museu* (2017), o autor afirma que se interessa “por situações, lugares, momentos, circunstâncias nas quais os objetos perdidos da sociedade, seus restos, transformam-se em narrativas.” (DEBARY, 2017) e acrescenta que “Os restos são uma objeção ao sentido primeiro das coisas (uma perda) e uma resistência a seu desaparecimento (uma conservação).” (DEBARY, 2017). A inserção no universo da arte é uma dessas situações em que os *objetos perdidos* podem exercer a sua capacidade de resiliência e, resistindo ao próprio desaparecimento, adentrar em outros estados de significação. Neste sentido, o projeto *Não vale nem R\$1,99* busca transformar restos em narrativas e, através da arte e da memória, tem o propósito de contribuir para o processo de conservação e de valorização das coisas.

Ao tratar da casa, em *A poética do espaço*, BACHELARD (2005) fala que “Algo fechado deve guardar as lembranças”, ou seja, a casa, mais do que um abrigo material, representa também um ambiente de proteção da memória, um local físico onde nossas lembranças se cristalizam – seja pela própria espacialidade da casa, seja através dos objetos que a povoam. Assim sendo, para a execução da primeira fase do projeto, visitei casas com o objetivo de comprar objetos usados, guardados, esquecidos – coisas tidas como resto e, portanto, sem valor. As visitas domiciliares foram escolhidas como método de compras a partir do entendimento de que o ambiente doméstico, além de guardar

objetos funcionais, abriga também a história de seus moradores. Por isso, ao buscar restos e revirar coisas, também acessamos fragmentos dessas histórias. Assim sendo, neste recorte da pesquisa abordo as visitas domiciliares realizadas no contexto do projeto *Não vale nem R\$1,99*, dando enfoque ao ato de vasculhar os espaços em busca de objetos para, com eles, construir personagens, ou seja, inseri-los em novas narrativas. A partir dos relatos de situações em que remexi pilhas, gavetas e armários em busca de *matéria-prima* para minhas produções artísticas e em que conversei com aqueles que me receberam, procuro refletir sobre as complexas relações desenvolvidas entre sujeitos e objetos, principalmente no espaço da casa.

2. METODOLOGIA

Na execução da primeira fase do projeto *Não vale nem R\$1,99*, visitei 12 casas de pessoas conhecidas para comprar objetos usados. As visitas ocorreram entre dezembro de 2019 e o início de março de 2020, nas cidades de Pelotas e Augusto Pestana, ambas localizadas no interior do Estado do Rio Grande do Sul. Não houve a fixação de um perfil para as pessoas visitadas, eram pessoas com as quais eu já possuía algum tipo de vínculo e que, por possuírem o hábito de guardar, julguei que teriam vontade de participar do projeto. Cabe salientar que, apesar da certa casualidade envolvida no processo, todas as visitas aconteceram de forma muito parecida: na chegada, os moradores e eu nos cumprimentávamos e conversávamos sobre assuntos gerais; na sequência, apresentava o projeto e fazia o convite para a participação nestas negociações comerciais com finalidade artística. Na explicação, frisava o fato de que o valor a ser pago por cada objeto não ultrapassaria R\$1,99 e que eu estava à procura de objetos que, aparentemente, não tinham mais serventia. Ou seja: coisas inúteis, restos. Aceito o convite, iniciávamos uma caminhada e, juntos, revirávamos os espaços com a finalidade de procurar e selecionar objetos.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em minhas visitas, procurei por objetos domésticos que faziam parte do cotidiano das famílias e que, em algum momento, perderam sua utilidade e se extraviaram. Neste extravio, misturados ao acúmulo de guardados, ficaram esquecidos, viraram restos. Estes objetos, marcados pelos fatos e pelo tempo, são rastros do vivido e, por isso, contam pequenos pedaços das histórias das famílias visitadas. São palavras - ou linhas, parágrafos - de uma grande narrativa. Talvez a própria casa - como um livro ou um álbum - seja a grande detentora dessas histórias e, por isso, protege tão bem os seus vestígios. Em minhas proezas, estes objetos guardados são como peças perdidas de um quebra-cabeça, que, quando encontradas e reunidas, dão forma e sentido para as coisas. Reunindo os objetos que encontro nas casas visitadas, monto personagens. Sou, então, ao mesmo tempo, *catadora* e *montadora*. Claude Lévi-Strauss, em *O pensamento selvagem*, chama esse sujeito catador de *bricoleur*, aquele que “recolhe e conserva elementos em virtude do princípio de que ‘isto sempre pode servir’” (1970, p. 39). O *bricoleur* faz a *bricolagem*, atividade que envolve o ato espontâneo de recolher fragmentos e depois reunir estes pedaços formando algo novo e inusitado.

Rita foi a primeira pessoa que visitei com o objetivo de comprar objetos usados. Foi na casa dela que encontrei uma xícara quebrada e cuidadosamente colada. Ela, um pouco relutante, me ofereceu: “Esta xícara era da minha mãe.

Muito antiga, do casamento dela, mas está quebrada.”¹. Peguei o objeto e, imediatamente, imaginei uma personagem: *A juntadora de cacos*. Ali, com aquela xícara nas mãos, imaginei uma pessoa e criei a minha primeira personagem: uma mulher que junta os cacos e que, lenta e cuidadosamente, reconstrói as louças. Meses depois, visitando a residência rural de Anildo e Maria, encontrei um vaso de flores (Figura 1) que havia sido quebrado em muitos caquinhos e que também foi pacientemente colado por alguém. Estranhei quando me deparei com aquele vaso trabalhosamente reconstruído jogado no pátio. Algo que demandou tanto esforço para uma pessoa, certamente carregava algum significado subjetivo. Supus então que aquele objeto tão estimado, ao passar de mão em mão, em algum momento, tornou-se *coisa sem valor* e que, por puro acaso, não foi para o lixo. Novamente pensei na *Juntadora*. Reservei o objeto e seguimos a busca.



Figura 1: *Não vale nem R\$1,99*: objeto fragmento da personagem
A juntadora de cacos. Joana Schneider, 2020.

Anildo e eu andávamos pelos galpões quando paramos perto de um depósito improvisado de velhas ferramentas. “Quem guarda o que não presta, tem o que precisa”, disse Anildo, enquanto revirava as peças. Mostrou uma foice remendada e explicou: “De duas fiz uma, eu invento, eu tenho ideia. Vê, usei um osso para fazer o cabo. Mas isso você não vai querer, né?”. Aquela foice reunia em si pelo menos três objetos diferentes. Anildo é, sem dúvidas, um *bricoleur*. Obviamente, reservei a foice. Ele seguiu mostrando coisas. “Chapa de arado”, disse ele. “É para arar a terra para plantar. É puxado com o boi.”. Reservei. Andamos mais um pouco pelo pátio e ele mostrou uma pá que julguei estar quebrada. Como se lesse meus pensamentos, corrigiu: “Pá gasta do uso, ficou só a gengiva”. Com a ferramenta na mão, bastante impressionada com o que via, pensei em quantos anos de trabalho foram precisos para a pá gastar daquele jeito. Reservei. Saindo da casa de Anildo e Maria, além do vaso de flor reconstruído, havia comprado peças suficientes para montar um *Trabalhador Rural* inteiro. Tinha, portanto, mais um personagem.

¹ As falas citadas são provenientes de anotações feitas durante as visitas, das quais foram feitos apenas registros fotográficos. As visitas não foram gravadas.

A capacidade de transformar objetos e arranjar soluções criativas para as necessidades diárias parece ser uma característica muito forte da vida na zona rural. Fui até a casa de uma família que tem vários filhos e na residência encontrei toda sorte de *gambiarra*. Apesar de ser uma família grande, só Elaine e Éric estavam em casa e foram eles que me acompanharam na visita. Éric, o filho caçula, ficou muito animado com a atividade e nos ajudou a procurar as coisas. Em determinado momento, comentou “O pai desmontou o meu peniquinho para fazer um cata-vento.”. Perguntei se o pai inventa coisas e ele respondeu, orgulhoso: “Ele inventa umas quantas coisas!”. O hábito de montar coisas parece ter sido passado do pai para os filhos, pois Elaine logo comentou que as crianças “Trazem bicicletas, desmontam uma para montar outras. Esta é a bicicleta do Éric, ele tirou as rodas, devem estar em algum lugar.”. Começamos a procurar as rodas para conseguir remontar o objeto e, novamente, as coisas confirmavam o que era dito: havia várias bicicletas fragmentadas e peças soltas por ali. Em poucos minutos, achamos as duas rodas que faltavam. Havia, além das bicicletas, uma infinidade de outras coisas do universo infantil guardadas nos galpões. Carrinho de bebê, andador, brinquedos, sacos cheios de roupas e sapatos. Tudo dos filhos - alguns já adultos - parecia ter sido guardado. Elaine, remexendo nas sacolas, comentou: “Não sei pra que a gente guarda estas coisas, pura verdade.”. E, sem nenhuma dificuldade, me vendeu várias coisas. Estes objetos, como restos, estavam simplesmente guardados, não havendo um sentimento especial preservado através deles. De lá, é claro, saí levando algumas possibilidades de personagens infantis.

4. CONCLUSÕES

Este foi um pequeno apanhado das visitas que renderam em torno de 138 objetos de segunda mão em tipologias bastante variadas, totalizando o gasto de R\$194,24. Alguns personagens foram surgindo naturalmente - quase que se impondo - conforme os objetos iam aparecendo no caminho. Junto com a *Juntadora de Cacos*, o *Trabalhador Rural* e *As Crianças*, já há o indicativo de uma noiva, de uma costureira, de uma beata, de um velho, de um caçador. A próxima etapa do projeto a ser executada é a seleção e o arranjo destes objetos. Assim sendo, outros tantos personagens ainda estão por surgir a partir dos restos, pois estes objetos resgatados do esquecimento são como cacos que, reunidos e colados, recuperam o sentido das coisas. Como *bricoleur*, catei fragmentos para montar personagens humanos. Faço isso movida pela vontade de recuperar um pouquinho do passado marcado nas coisas, pois, como ficou evidente nas visitas, os objetos evocam as lembranças dos sujeitos. Por fim, cabe salientar que, além do importante resultado material, as visitas - realizadas imediatamente antes de surgir a necessidade de isolamento social em decorrência da pandemia de coronavírus - foram importantes oportunidades de encontro, de troca e de escuta.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- DEBARY, Octave. **Antropologia dos restos**: da lixeira ao museu. Tradução: Maria Letícia Mazzucchi Ferreira. Pelotas: UM2 Comunicação, 2017.
- _____. **Segunda mão e segunda vida**: objetos, lembranças e fotografias. p.p.27-45. In: Revista Memória em Rede. Pelotas, v. 2, n. 3, ago-nov. 2010.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. **O pensamento selvagem**. São Paulo: Editora Nacional, 1970.